

# Thales Ramalho concorda com o diálogo de Sarney

JORNAL DE BRASÍLIA

16 SET 1980

O líder do PP na Câmara, deputado Thales Ramalho, disse ontem que concorda plenamente com a iniciativa do presidente do PDS, senador José Sarney, de buscar diálogo com os dirigentes dos demais partidos políticos representados no Congresso. "É exatamente o que eu penso que precisa ser feito", comentou pouco depois da visita de Sarney.

Thales Ramalho preferiu examinar um outro aspecto antes de entrar em detalhes sobre considerações políticas. Ele lamentou que — "durante estes últimos dezesseis anos de arbítrio" — o diálogo entre parlamentares de diferentes agremiações tivesse sido rompido totalmente. A ponto de, em anos anteriores, ser quase inimaginável que um deputado de oposição, por exemplo, entrasse no gabinete de um dirigente da antiga Arena.

Ele acredita que agora, com a iniciativa de Sarney, será restabelecida uma troca de informações que "sempre existiu no Parlamento brasileiro e em todos os parlamentos do mundo". E vai

permitir que não ocorra como nos últimos anos, o radicalismo entre os parlamentares. "Éramos como inimigos, Arena e MDB. Ninguém se falava", lembrou.

O presidente do PDS, segundo Thales Ramalho mostrou-se entusiasmado com os resultados já obtidos e prometeu continuar, conversando ainda com o presidente do PDT, Leonel Brizola, com o presidente do PT, Luiz Inácio da Silva, e com os líderes destes dois partidos na Câmara, Alceu Collares e Airton Soares.

Um aspecto bastante destacado pelo líder do PP foi o desejo de José Sarney de conseguir uma maior mobilidade para o processo legislativo, justamente mediante este diálogo. Thales Ramalho acha lamentável que a pauta de assunto muitas vezes bastante importante — fique obstruída por manobras parlamentares. O presidente do PDS falou ainda sobre terrorismo e destacou o apoio que os partidos de oposição têm dado ao governo neste momento delicado para o país.

## *Presidente do PDS quer acabar os ressentimentos acumulados*

O presidente do PDS, senador José Sarney, disse ontem, após conversar durante uma hora com o líder do PP, deputado Thales Ramalho, que «os ressentimentos acumulados ao longo dos últimos anos e o nível de desconfiança entre os partidos políticos devem ser ultrapassados de modo a deixar que a atividade política possa flutuar dentro dos interesses partidários e dentro da ótica que não comporte atitudes que não sejam o interesse público».

Muito satisfeito com a conversa que teve com o líder do PP, o senador Sarney anunciou que ainda esta semana marcará encontro com os presidentes do PDT, Leonel Brizola e do PT, Luiz Inácio da Silva, o Lula líder dos metalúrgicos. Disse também esperar se encontrar em breve com os líderes do PDT, deputados Alceu Collares e do PT, Airton Soares, assim como a presidente do PTB, ex-deputada Ivete Vargas.

Ao sair do gabinete do deputado Thales Ramalho, Sarney foi ao gabinete do presidente da Câmara, Flávio Marçilio, mas como não o encontrou passou a relatar o objetivo do diálogo que iniciou semana passada com as oposições ao encontrar-se com os presidentes do PMDB, Ulysses Guimarães e do PP, senador Tancredo Neves:

«Nossa conversa foi marcada por uma análise sobre os atentados terroristas, sobretudo, a nota que o PP divulgou sobre esses fatos lamentáveis, condenan-

do-os e apoiando todas as medidas do governo para investigá-los e punir os responsáveis, para que a violência não frutifique ou tenha curso mais longo no país».

«Consideramos também a gravidade do momento atual e a necessidade da área política assumir sua responsabilidade sem medo de avançar no terreno do entendimento, desde que estejam presentes os interesses nacionais», declarou.

O senador fez questão de enfatizar que suas conversações não visam a união nacional: «Mas uma vez tivemos oportunidade de fixar que esse tipo de entendimento não tem nada a ver com qualquer tentativa de união nacional, mas fazer com que os partidos ocupem o terreno que lhe é destinado no processo democrático, como único leito de atividade partidária».

— Constatamos — prosseguiu o senador — que os partidos não cumprindo seu papel este passa a ser exercido por canais que não são legítimos para essa função na sociedade. No caso da oposição, grupos que se organizam como partidos. E no caso do governo com a formação da tecnoburocracia que deveria ficar restrita à política.

«Assim, o enfraquecimento dos partidos ou sua omissão debilita a democracia e torna mais difícil a efetivação da abertura democrática», declarou o senador.